

# historia: fronteiras



**Vol. II**

Eunice Nodari  
Joana Maria Pedro  
Zilda M. Gricoli Iokoi  
(organizadoras)

Volume II



# História: Fronteiras

XX Simpósio Nacional da ANPUH

Florianópolis-SC

Julho de 1999

ANPUH

*Humanitas*  
FFLCH/USP

1999

---

## FRONTEIRAS ÉTNICAS NA AMÉRICA LATINA: FRONTEIRAS MÓVEIS

---

Eulália Maria Lahmeyer Lobo  
*Universidade Federal Fluminense*

**A**tese de Frederick Jackson Turner<sup>1</sup>, que se tornou conhecida como a hipótese da fronteira, formulada em 1893 a fim de interpretar a permanência das instituições republicanas e do espírito democrático nos Estados Unidos, alcançou grande repercussão, na época e ainda hoje, sendo aplicada com variantes a história da Argentina, do Brasil, de Portugal, da Espanha e de outros países e objeto de polêmica.

Turner afirmou que o desenvolvimento dos Estados Unidos é explicado pela: “(...) *existence of an area of free land, it's continuous recession, and the advance of American settlement west ward*”. Segundo ele, o repetido retorno a condições primitivas de vida numa linha de fronteira em constante movimento e a oportunidade de novo desenvolvimento nessa área recém conquistada gerava perene renascimento, que supriu as forças dominantes do caráter americano.

Considerava esse historiador que a fronteira americana distinguia-se da européia, caracterizada por uma linha fortificada que passava através de uma população densa. Na fronteira americana, num primeiro momento, o homem de origem européia é dominado pelo ambiente, depois vai reformulando a cultura a partir de elementos locais. A primeira fronteira foi a costa do Atlântico; a seguinte, a do alto curso dos rios da bacia hidrográfica desse oceano, alcançada no século XVII; a terceira, a do Ohio atingindo no século XVIII e povoado no decorrer desse século. De década em década, a fronteira avança no século XIX, acompanhada por uma migração permanente. A fronteira extrativista, a agrícola, a de criação, a de mineração entre outras, apresentam

características próprias, apesar dos traços gerais comuns. O comerciante abria as vias de comunicação, dando origem ao povoamento nas suas varias formas. Cada tipo de fronteira teria seu ritmo temporal e espacial. O significado da fronteira para Turner consiste também em propiciar uma composição nacional variada do povo americano. Dentro dessa perspectiva, o avanço da fronteira fez declinar gradualmente a hegemonia inglesa na formação do povo. A legislação norte-americana sobre tarifas, propriedade da terra, em particular da terra pública, ferrovias, foi influenciada pelas exigências da fronteira. Esta agiu no sentido de forjar a unidade da nação, reduzindo o peso do regionalismo. A mobilidade da população destrói o localismo mas, prossegue o autor, o efeito mais importante da fronteira é o de promover a democracia, baseada na liberdade e no individualismo que também é responsável por aspectos negativos, tais como, falta de espírito cívico, egoísmo, repulsa à organização social. Conclui o seu ensaio com o término da fronteira móvel que encerraria o primeiro período da história norte americana. Noutro ensaio<sup>2</sup>, Turner analisa a tendência pré-revolucionária da fronteira e as modificações do individualismo.

700

O ponto central da tese de Turner é o papel do oeste, da fronteira livre como válvula de escape das tensões sociais do leste, entre capital e mão-de-obra, elite política dominante e massa. Num debate acerca desta tese quarenta anos após a sua apresentação, Benjamin F. Wright Jr.<sup>3</sup>, analisando as instituições políticas da fronteira, conclui que elas copiavam os modelos do leste e que a experiência dos pioneiros não se refletiu nelas. Lembra, a propósito deste tema, que os povoadores da fronteira não deram o direito do voto às mulheres ou aos negros, por exemplo. Critica, por fim, a negação por parte de Turner de reconhecer a influência dos pensadores como Milton, Locke, Montesquieu, entre outros, na formação do espírito republicano.

Louis M. Hacker<sup>4</sup>, após salientar que a tese de Turner dominou a produção historiográfica nos Estados Unidos, passa a criticá-la por atribuir a existência prolongada da fronteira um caráter único desse país. Salienta ainda as características em comum dos Estados Unidos com os demais países capitalistas.

Louis M. Hacker, nega a singularidade atribuída aos Estados Unidos por Turner, que considera responsável por uma visão isolacionista, negligenciando os antagonismos de classe e revelando uma profunda ignorância do processo de implantação do capitalismo monopolista e do imperialismo.

George Wilson Pierson<sup>5</sup> concorda com as críticas de Hacker, ao formular a pergunta: como explicar a revolução industrial dentro dos parâmetros da tese da fronteira? Atribui a Turner o tom pessimista da historiografia da época preocupada com a perda da fronteira, da válvula de escape, de alternativas para o desenvolvimento. Aquele autor critica Turner por minimizar e mesmo quase ignorar a contribuição da Europa na formação cultural dos Estados Unidos. Aponta contradições no pensamento de Turner, tais como as afirmativas de que a fronteira gera o nacionalismo, e ao mesmo tempo cria o seccionalismo, que ela favorece a inovação apesar de ser uma experiência repetitiva, que a civilização é alcançada pela via do seu abandono e que o materialismo gera o idealismo.

Carlton J. H. Hays<sup>6</sup> julga que a fronteira móvel na América do Norte é similar a outras nos demais continentes, e condena o isolacionismo dos Estado Unidos que marca sua historiografia procurando desvinculá-la da Europa. Em suma, considera que a fronteira americana poderia ser a fronteira européia ou da cultura ocidental.

Avery Craven<sup>7</sup> defende Turner por ter rompido com a tradição de estudar quase exclusivamente a política e a constituição sem espírito crítico, considerando as instituições norte-americanas como mera continuação das européias. No entanto, ele teria o mérito, segundo esse historiador, de questionar e reavaliar as idéias consagradas.

Walter Prescott Webb<sup>8</sup> segue a mesma linha de pensamento de Turner, afirmando que foi a magnitude e a continuidade da expansão que deu à fronteira uma importância fundamental na vida americana. A existência de uma área de terra livre o seu recuo incessante na medida em que avançava o povoamento, explica tanto a fronteira americana como a européia, segundo Prescott Webb. Ele concorda com a tese de Turner, acreditando

na possibilidade de aplicá-la em outras regiões, divergindo portanto, apenas quanto à interpretação de Turner de que a fronteira gera o caráter único da história norte-americana. Prescott Webb exalta a abundância de recursos oferecida pela fronteira. O grande dilema confrontando a humanidade seria o fim da fronteira.

Para Elkins e Mc Kittrick<sup>9</sup> existe uma conexão orgânica entre a democracia e a fronteira americana.

Concordamos com algumas das críticas à tese de Turner, principalmente a que minimizou a influência européia na formação dos Estados Unidos; e poderíamos acrescentar que também considerou insignificante a escravidão africana na explicação da expansão desse país, e que inclusive condenou a ênfase dada à pesquisa desse tema. É claro para nós que a fronteira móvel e a incorporação de novas terras, recursos humanos, culturais e novas experiências são fatores explicativos importantes, mas não os únicos da expansão; e que a fronteira móvel não é exclusiva dos Estados Unidos. Um ponto central da tese, que nos parece de suma importância, é o papel de válvula de escape exercido pela fronteira móvel, que evita os conflitos sociais mas também atrasa as transformações.

Pensado em termos mais gerais, acreditamos, por exemplo, que a fronteira móvel esteve presente em oito séculos de história da península Ibérica. Contribuiu para fortalecer a realza face à necessidade de combater o inimigo dotado de um governo centralizado e para acelerar o declínio do feudalismo. Forçou o povoamento sob forma de cidades fortificadas que garantiram a posse de terras recém conquistadas. Para atrair a população e fixá-la, os reinos cristãos concederam forais com maior autonomia e liberdade dos cidadãos. A idéia de guerra permanente, de Reconquista das terras perdidas para os mouros, durante oito séculos, é matizada pela historiografia<sup>10</sup> recente que salienta as alianças temporárias entre cristãos e infiéis. O intercâmbio cultural entre ambos foi responsável por um notável florescimento das artes e ciências.

Uma faceta importante da evolução da fronteira móvel na península Ibérica foi a introdução do espírito cruzadista, que se baseava na conciliação da religião católica com

a guerra, promovida pela abadia de Cluny, do século X ao XII, visando salvaguardar os peregrinos que se dirigiam a Santiago de Compostela. Introduce-se nessa época o conceito da guerra justa, mais tarde amplamente usado na conquista do Novo Mundo. Segundo Ricardo da Costa<sup>11</sup>, aquela famosa abadia borgonhesa "(...) teve papel preponderante na lenta formação de uma mentalidade de cruzada na Reconquista", diretamente em Castela e Leão e indiretamente, em Portugal. Nessa etapa da reconquista, surge o confronto de duas guerras santas; a católica e a muçulmana.

Os contatos inter-étnicos na fronteira móvel variaram no decorrer dos oito séculos da Reconquista, porém sempre foram fundamentais para a vida econômica, política, social e cultural dos povos envolvidos. Urbano II definiu a cruzada como

(...) uma forma especial de se fazer a guerra, já que seus participantes recebiam privilégios outorgados pela Igreja. Quais? Em primeiro lugar, a indulgência, o perdão de seus pecados. A seguir: liberação do vínculo de lealdade entre servo e vassalo; trêgua entre todas as guerras entre cristãos, proteção episcopal às propriedades dos nobres durante sua ausência; privilégio ao cruzados de serem julgados por cortes eclesiásticas; isenção de impostos e moratória para as dívidas.

703

A dissolução dos laços entre vassalos e servos prevista como incentivo a participação na cruzada enfraquecia o feudalismo. Pode-se, portanto, observar que a fronteira móvel teve significado político cultural e econômico vital na península Ibérica.

O esgotamento da fronteira móvel na península Ibérica no fim do século XV foi sucedido pela sua reabertura no Novo Mundo. Ela teve impacto especial nas regiões de grandes espaços abertos utilizáveis, escassamente povoados, como, por exemplo, nos Estados Unidos e no Brasil. Já indicamos a importância da fronteira na interpretação da história norte-americana, porém, quanto ao Brasil, a hipótese de Turner foi pouco empregada no meio acadêmico, exceto quanto aos antropólogos. Estes dedicaram-se em particular à questão de contatos entre etnias tribais e conquistadores vinculados a estados. Darcy Ribeiro<sup>12</sup> salientou quanto aos indígenas: "*Primero su enorme defasamiento respecto a la sociedad nacional, y segundo, las diferentes etapas evolutivas en que se encuentran las diversas tribos*".

Os contatos na fronteira móvel entre etnias tribais e nacionais foram definidos por sociólogos e antropólogos como o de assimilação quando a etnia tribal é absorvida pela nacional, de integra-

ção, que implica numa adaptação recíproca e coexistência entre populações etnicamente distintas na sociedade nacional. Este, segundo conceito, corresponde grosso modo ao de Turner, sobre a fronteira oeste dos Estados Unidos.

Darcy Ribeiro<sup>13</sup> distingue no Brasil as etnias isoladas, as que mantêm contatos intermitentes, e as que mantêm contatos permanentes. Outra definição mais recente considera a situação na fronteira como de fricção inter-étnica. Todos estes conceitos pressupõem, não explicitamente, uma relação de dominante/dominado, enquanto Turner via nesse processo uma aculturação enriquecedora.

Darcy Ribeiro, na classificação que fez das tribos do Brasil em 1957, coloca as seguintes categorias: isolados, contato intermitente, contato permanente, integrados e extintos. Analisa as várias formas como se apresenta a fronteira da sociedade nacional com os indígenas no interior do Brasil. A econômica extrativa mobiliza, segundo ele, indivíduos separados de suas comunidades de origem, livres das formas tradicionais de controle social, atuando em áreas inexploradas. A sua tendência seria a de expulsar nativos ou subordiná-los violentamente a seu serviço para desempenhar as tarefas mais duras. Esse tipo de contato conduz à rápida desintegração da vida tribal e a uma integração na vida nacional desprovida de participação nas instituições dessa sociedade.

As fronteiras de economia pastoril seriam constituídas por grupos familiares que avançam em áreas despovoadas em busca de novas pastagens provocando em geral conflitos sangrentos.

Assim, as frentes de expansão agrícola seriam geralmente formadas por massas de povoamento com um grau de coesão social mais elevado do que a dos grupos antes mencionados. Encaravam e ainda encaram hoje os índios como um obstáculo, procurando apropriar-se de suas terras e plantios.

Cesar Augusto Barcellos Guazzelli<sup>14</sup>, em sua tese de doutorado valoriza o papel da fronteira móvel na formação do Rio Grande do Sul, do Uruguai, do Paraguai e das Províncias do Prata. Afirma o autor que, “a fronteira foi ao longo do tempo uma questão fundamental para a formação dos riograndenses. Separan-

do-os das gentes de fala castelhana, afirmava a `lusitanidade´ primeiro e a brasilidade mais tarde”.

Salienta a luta pelos campos de criação entre riograndenses e vários grupos platinos. Benedict Zientara<sup>15</sup> faz uma observação valiosa sobre o tema, a fronteira não deve ser considerada uma linha divisória, resultado de uma negociação jurídica-política, mas de uma área de contatos. Segundo ele, os habitantes das zonas de fronteira consideram-se “(...) como um grupo à parte que se opõe a ambas autoridades estatais”. Esta observação confirma a idéia de Turner da rejeição pelos fronteiriços das autoridades e controles estatais. Segundo Nadir Mendonça<sup>16</sup>, a Banda Oriental era, na primeira metade do século XIX, a fronteira entre o Brasil e as Províncias Unidas. Na Banda Oriental formavam-se e desfaziam-se alianças entre caudilhos e entre estes e os Estados ainda em formação forjava-se uma cultura própria na qual se abrigavam os criadores de gado e os peões semi-nômades.

James R. Scobie<sup>17</sup> lembra que os pampas foram a primeira fronteira de prados extensos encontrada pelo europeu. No entanto, por três séculos, não houve incentivos para conquistá-los e povoá-los. O cavalo, introduzido pelo colonizador, proliferou e deu maior mobilidade às tribos nômades da região e do mestiço. O gado que se tornou selvagem aumentou os recursos da caça. A vida era livre e rústica, baseada no extrativismo. O primeiro esforço de ocupar o pampa foi a campanha contra os índios de 1833, que empurrou a fronteira para o sul até a boca do rio Negro. Na década de 1850, a fronteira sul seguia uma linha que ia de Mendoza a San Luis, Rio Quarto, Candelária. A fronteira móvel oeste estava sujeita a freqüentes ataques indígenas do Chaco. Ia de Santa Fé a Córdoba, ao rio Doce e Santiago del Estero. Havia uma fricção constante nas fronteiras, e os indígenas e mestiços mantiveram suas posições inclusive vendendo seus produtos para a província de Buenos Aires até a campanha de extermínio movida pelo governo em 1879. O advento das ferrovias também mudou drasticamente o modo de vida nos pampas. Após 1850, a região pampeana em torno de Buenos Aires foi ocupada pelo carneiro, e os saladeiros de carne bovina aumentaram o valor do gado selva-

gem. O carneiro invade o pampa a partir de 1850, atravessa o rio Colorado e atinge a Patagônia no século XX. Na década de 1870, o trigo domina a paisagem do pampa. As terras livres desaparecem, as cercas são instaladas, e de 1890 a 1940 a Argentina recebe 7.400.000 imigrantes. O centro político desloca-se do interior para Buenos Aires, a cidade mais beneficiada pela expansão contínua do pampa da terceira década do século XIX ao início do século XX.

O Chile expande-se sobre a Araucânia, numa guerra de fronteira que se estende pelo século XIX. Todas estas fronteiras da Argentina, Brasil, Chile e Uruguai caracterizaram-se por provocar rápida expansão econômica, acelerar a formação do Estado, servir de válvula de escape para as tensões sociais à custa da destruição em larga escala da população indígena. A maioria delas termina por volta da segunda década do século XX, marcada pela primeira guerra mundial, o declínio, na América Latina, da grande expansão agrícola e pastoril, graças à incorporação de novas terras e das exportações de produtos primários e pelo incremento do processo de industrialização ainda incipiente. No caso dos Estados Unidos, quando a fronteira móvel atinge o Pacífico, desenvolve-se o imperialismo.

A Argentina, Chile, Uruguai sofrem grave crise econômica na segunda década do século XX e a fronteira móvel perde totalmente a importância que tivera. Ela sempre fora pouco significativa nos outros países da América Hispânica nesse século.

No Brasil, dadas as dimensões continentais do país, a fronteira móvel continuou a ter um papel significativo no século XX. Esgotou-se a fronteira móvel do sul e de São Paulo, permaneceram abertas as do planalto central e da Amazônia. A imigração de massa declinou a partir da década de 1930, mas houve um refluxo da população do sul sem terra para o planalto central e prosseguiu a migração do Nordeste para Norte e o oeste, além da migração geral campo-cidade vinculada em grande parte à industrialização. A idéia da fronteira móvel como fator de desenvolvimento, de união nacional, de fortalecimento do Estado foi retomada como política oficial do governo na campanha da marcha para o oeste. A constituição de 1891 havia determinado a

mudança da capital para o interior. Luiz Cruls dirigiu uma expedição que deveria demarcar o centro geográfico do país e estudar a localização ideal para o futuro Distrito Federal (1892 a 1894). O presidente Gaspar Dutra nomeia em 1946 uma Comissão de Estudos para a Localização da Nova Capital. Enquanto a primeira se inspirava principalmente nas idéias associadas à fronteira móvel, a segunda tinha como quadro de referência o interesse militar e a geopolítica. Considerava-se o Rio de Janeiro muito vulnerável aos ataques estrangeiros.

O coronel João de Segradas Viana<sup>18</sup> argumentou a favor da mudança da sede do governo porque a nova localização seria propícia à irradiação do progresso, colocando a capital em posição equidistante das várias zonas do país. Manifestou-se contrário à industrialização da futura Brasília por causa: "(...) dos problemas graves que decorrem de uma grande massa proletária (...)".

A construção de Brasília provocou uma marcha para oeste em busca de emprego e a abertura de estradas, principalmente as da capital para o Acre e para Belém, estimularam a formação de nova fronteira móvel. Brasília, construída por Juscelino Kubitchek, só se consolidou no governo Médici, mas o fluxo de migrantes para o oeste não se interrompeu.

O plano de colonização do governo militar, ao longo da Transamazônica, foi um fracasso, não tendo conseguido fixar a população nos povoados, nem manter a estrada em funcionamento ou promover uma fronteira móvel.

O Movimento dos Sem-Terra revela justamente a dificuldade do acesso ao solo, já apropriado freqüentemente de forma improdutiva ou já esgotado por utilização predatória, ou ainda guardado para fins especulativos. As invasões de terras multiplicam-se face a um governo inoperante e pressionado. A reforma agrária e a demarcação das reservas indígenas não se efetuam com a rapidez necessária.

No momento atual, dominado pelos esforços de globalização, já não existe a fronteira móvel, o que representa um sério problema social. A livre circulação de capitais, de tecnologia associada à falta de grandes espaços livres que possam ser ocupados

sem investimentos pesados, fecha a válvula de escape do passado e contribui para colocar a mão-de-obra à mercê dos interesses do capital, inclusive em função do declínio do Estado e da inexistência de controles internacionais eficazes. Philippe Dewitte<sup>19</sup> salienta a política dos países ricos de impedir a globalização do emprego e de bloquear a imigração. Apesar desse quadro geral, as migrações continuam a ser importantes, cerca de cem milhões de migrantes em 1993, excluindo os refugiados, segundo a estimativa do Fundo das Nações Unidas. Os migrantes em situação irregular atingem quinze milhões de pessoas, o que tende a fazer baixar os salários, uma vantagem para as empresas em detrimento da mão-de-obra. Todo esse processo provoca o declínio do Estado e cria um quebra cabeça de identidades “des-territorializadas”.

Segundo Octavio Ianni<sup>20</sup>, multiplicam-se as direções dos movimentos migratórios em função do mercado da força de trabalho, da progressiva dissolução do mundo agrário, da crescente urbanização do mundo, da formação da fabrica global.

Permanece, portanto, uma fronteira móvel humana.

708

#### NOTAS

<sup>1</sup>TURNER, Frederick Jackson. “*The significance of the frontier in American history*” In TAYLOR, Georges Rogers (ed.). *The Turner Thesis concerning the Role of the Frontier in American History*. Boston D.C. Heart and Company 1956, p. 01.

<sup>2</sup> *Idem*, pp. 19-33.

<sup>3</sup>WRIGHT JR., Benjamin F. “Political Institutions and the Frontier” In TAYLOR, George Rogers. (ed.) *op. cit.*, pp. 34-42.

<sup>4</sup>HACKER, Louis M. “Sections-or Classes”? In TAYLOR, Georges Rogers. *op. cit.*, pp. 43-46.

<sup>5</sup>PIERSON, George Wilson. “The frontier and American Institutions. A Criticism of the Turner Theory”. In TAYLOR, George Rogers. *op. cit.*, pp. 47-65.

<sup>6</sup>HAYS, Carlton J. H. “The American Frontiertin” In TAYLOR, Geroge Rogers. *op. cit.*, pp. 66-75.

<sup>7</sup>CRAVEN, Avery. “Frederick Jackson Turner”. In TAYLOR, Geroge Rogers. *op. cit.*, pp. 76-86.

<sup>8</sup>WEBB, Walter Prescott. “The Frontier and the 400 year Boom”. In TAYLOR, Geroge Rogers. *op. cit.*, pp. 87-95.

<sup>9</sup>ELKINS, Stanley e MC KITRICK, Eric. "A meaning for Turner's Frontier, Democracy in the Old North West". In TAYLOR, Geroge Rogers (ed.) *op. cit.*

<sup>10</sup>SANCHEZ, ALBORNOZ Y MENDUÍÑA, Claudio. *Ruina y Extinción del Municipio Romano en España e Instituciones que le Reemplazan*. Buenos Aires, Facultad de Letras, 1943. É uma obra clássica sobre o período de ocupação árabe.

<sup>11</sup>COSTA, Ricardo da. *A guerra na idade média, um estudo da mentalidade de cruzada na península ibérica*. Rio de Janeiro, Edições Para Todos, 1998, pp. 72-73.

<sup>12</sup>RIBEIRO, Darcy. *Fronteras Indígenas de la Civilización*. 2ª ed., México/Madrid/Buenos Aires, 1973, pp. 24-53 (traduzido para o espanhol por Julio Rossiello.)

<sup>13</sup>*Idem*, p. 63.

<sup>14</sup>GUZZELLI, Cesar Augusto Barcellos. *O Horizonte da Província: A Republica Rio Grandense e os Caudilhos do Rio da Prata (1835-1845)*. Tese de Doutorado, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1997, pp. 163-164.

<sup>15</sup>ZIENTARA, Benedict. "Fronteira". In *Enciclopédia Einaldi*. Porto, Imprensa Nacional/Casa da Moeda 1989, vol. 14, pp. 306-317.

<sup>16</sup>MENDOÇA, Nadir Apud SERRA PADRÓS, Enrique. *As Origens da inserção internacional do Uruguai: Do estado-tampão ao pequeno estado periférico*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1995, mimeo.

<sup>17</sup>SCOBIE, James R. *Revolution on the pampas, A social history of Argentina wheat 1860-1910*. Austin, University of Texas Press, 1964.

<sup>18</sup>LOPES, Luis Carlos. *Brasília o enigma da esfinge a construção do poder*. Porto Alegre, Editora da Universidade do Rio Grande do Sul e UNISINOS, 1996, p. 81.

<sup>19</sup>DEWITTE, Philippe. "Les nouvelles frontières de l'immigration". In CORDELLIER, Serge e DOUTANT, Fabienne (coords.). *Mondialisation au-delà des mythes* (Découverte Les Dossiers de l'Etat du Monde), 1997, pp. 156-157.

<sup>20</sup>JANNI, Octavio. "O Mundo do Trabalho". In FREITAS, Marcos Cesar (org.). *A Reinvenção do Futuro-Trabalho Educação, Política na globalização do Capitalismo*. São Paulo, Cortez Editora, s/d, p.23.